Satsang do Coletivo do UM

20 de fevereiro de 2014

Audio MP3 (francês)

Questão 1

Caro Alta,

Estou consciente de que tudo aqui é uma ilusão, eu não sou nem o corpo nem o espírito.

Tudo aqui é um teatro, cada um desempenha, simplesmente, um papel, que nada tem a ver com nossa verdadeira natureza, o que nós somos, na verdade da unidade.

As últimas canalizações insistem que tenhamos necessidade dessa tomada de consciência que nos faz estar situados no coração ou no ego.

Eu pergunto: Todas as canalizações pedem algo diferente do que eu enumerei acima?

Eu não posso parar de jogar, enquanto estou aqui, mas estou bem consciente de que eu jogo.

Eu sou LUZ!

Nós somos, todos, LUZ!

Nós somos os filhos da Lei de Um!

Obrigada, Alta, por aportar-me alguma clareza.

Eu o amo!

Julia

Nota : Questão original (em inglês, por Google Tradutor)

Dear Alta, I am aware that everything here is an illusion; I am neither the body nor the mind. Everything here is a theater, each one preforming a mere role nothing to do with our true nature, who we are in Truth and Unity. The latest pipelines insists that we need to have this awareness that makes us be located in the heart or ego.

I ask: All pipelines to be asking something different than what I listed above? I cannot stop playing while I'm here, but I'm well aware that I am playing. I am LIGHT!! We all are LIGHT! We are sons of Low ONE !! Thank you Alta, for bringing me clarity. Love you !

Julia T.

Resposta :

Então, Julia, você mesma responde à questão, é maravilhoso.

Portanto, não há mais questão.

Eu repito, quer seja na refutação, quer seja no fato de dizer, de confessar, de declarar que esse mundo é uma ilusão, não se esqueça de que, para a maior parte de nós, apesar de nossos diversas contatos, nossas diversas experiências, é a única realidade que conhecemos.

É preciso prestar atenção, e vê-se isso, cada vez mais, através das trocas, dos testemunhos de uns e de outros, as próprias questões que são colocadas, aqui mesmo: que nada há, eu repito, a rejeitar, não é questão de rejeitar esta ilusão, mas de vê-la como tal.

Porque, se você rejeita o que quer que seja desta ilusão, bem, paradoxalmente, não há qualquer possibilidade de transcendê-la.

A realização do Si, como as diferentes etapas, também, que foram nomeadas como Infinita Presença, a Existência, o Absoluto, Isso, Jnani, são apenas posicionamentos, sabendo-se contudo, que o último posicionamento não depende de qualquer forma, de qualquer espaço, de qualquer tempo e, também, de qualquer dimensão e, eu diria, mesmo, de qualquer contato com qualquer entidade que seja.

Vem um momento, como tem sido dito, no qual o silêncio é imperativo.

Eu não falo do silêncio meditativo, eu não falo do silêncio da expressão oral ou de quaisquer formas de expressões, mas, bem mais, de uma atitude interior na qual, graças a essa noção de transparência, pode-se deixar atravessar por tudo o que sobrevém em nossa vida sem ali opor-se.

Não é questão, é claro, de ser passivo em face dos eventos, mas de estar mais nessa observação, nessa lucidez da qual tão bem falou, em seu tempo, Krishnamurti, ou, mais próximo de nós, Ekart Tolle, o famoso «aqui e agora» e «o instante presente».

A Paz, *Shantinilaya*, morada de Paz Suprema ou a Existência, o Si manifesta-se, sempre, por essa noção de Silêncio, essa noção de equanimidade, de equilíbrio, se se pode dizer, que não depende, absolutamente, de qualquer circunstância, qualquer que seja, concernente tanto ao estado social, familiar, afetivo ou, mesmo, de saúde.

Esse posicionamento não é uma rejeição da ilusão, mas, bem mais, por transparência, uma capacidade para deixar-se atravessar pela vida em todos os seus componentes, em todas as suas alegrias, mas, também, em todas as suas dores, sem ser afetado, de maneira alguma, por isso.

Trata-se, efetivamente, de uma transcendência, se posso dizer, ao mesmo tempo emocional e mental e não, simplesmente, de um silêncio mental ou de um silêncio emocional que seria manifestado por um desejo de controle, um desejo de explicação, um desejo de conhecimento ou um desejo de compreensão.

O que há a viver é independente de qualquer compreensão, você não pode apreender-se do que quer que seja e o que vem, eu repito, eu volto a isso, foi explicado há numerosos anos por Anael, concernente ao abandono à Luz, que é bem mais do que um simples soltar, que é bem mais do que um controle do que quer que seja, é, mais, uma fluidez, a fluidez da Unidade, que permite, se quer, desincrustar-se do ponto de vista do eu e, mesmo, do si.

Então, o paradoxo, eu repito, e você o assinala por si mesmo, não é o fato de afirmar eu sou a Luz ou eu sou Um ou Eu sou, que vai mudar o que quer que seja, estamos de acordo.

A observação faz-se no silêncio: o fogo vivido por nós, por inúmeros irmãos e irmãs, nesse momento, quaisquer que sejam as localizações das portas, das estrelas, dos lugares do corpo torna-se cada vez mais intenso.

Mas, mesmo isso, não deve atrair, de qualquer modo, nosso mental, nossas emoções e, eu diria, mesmo, nossas percepções para o que se desenrola em nós.

É questão, no entanto, de viver como a descida da *Shakti*, *Shekhina*, ou Espírito Santo pelos chacras superiores, como para a coroa radiante do coração ou, ainda, para o despertar do *Kundalini*, deixar-se desenrolar o que se desenrola.

Porque, a partir do instante em que não se deixa desenrolar ou revelar-se a Luz, integralmente e na totalidade, desde cima até embaixo, desde baixo até o alto, até o mais íntimo das células, ou seja, até o DNA, enquanto esse silêncio, enquanto não há esse silêncio total há, necessariamente, bom número de resistências, porque o conhecimento, a compreensão, as emoções, o mental, tudo o que faz a vida e que é indispensável nesse mundo não nos é de qualquer utilidade para fazer esse silêncio.

Portanto, efetivamente, havia uma progressão, que foi dada durante todos esses anos, entre fazer silêncio, acolher Cristo, em Unidade e Verdade, participar de recepções de Luz, como haverá, aliás, esta noite, sejam as radiâncias Arcangélicas ou o que foi pedido por Maria e as Estrelas, a radiância de Maria e das Estrelas, às 22 horas, esta noite.

O que quer que seja mais, seja um alinhamento coletivo ou pessoal.

Vou citar-lhes um exemplo, que eu vivi não mais tarde do que ontem, em minha cabeça, ontem à noite era quinta-feira.

Então, às 20h30, ritual tácito, «ritual de radiâncias Arcangélicas», presença de Anael e, às 22h, presença de Maria, na cruz da cabeça, dos pontos estrelas aqui e agora, ao nível da cabeça, vocês veem como se tem a possibilidade, por nossa atenção, por nossa benevolência, por nosso

silêncio, de desencadear um processo, independentemente do tempo e do espaço, porque o que vamos viver esta noite, eu o vivi ontem à noite, persuadido de que era o dia certo.

Portanto, eu repito, não há erro de dia, a linearidade do tempo, da ilusão desse mundo e dessa única, no entanto, realidade, nós a vivemos a cada instante, é claro, mas sem questão de negá-la, mas é questão de permanecer nessa espécie de pacificação, de tranquilidade, na qual a Luz pode revelar-se, sem qualquer atenção, eu diria, a não ser essa benevolência e essa equanimidade e deixar-se revelar, desenrolar-se o que deve ser.

Não há, é preciso, efetivamente, apreender que, assim que há ação, quer essa ação situe-se ao nível emocional, ao nível mental, à necessidade de compreensão ou de explicação, no momento da vivência, é totalmente inoportuno.

Quer dizer que isso vai criar, seja o emocional ou mental, compreensão, conhecimento, necessidade de compreender ou de sentir, vai desencadear, por essa ação, uma noção de resistência.

Isso é tanto mais verdadeiro junto aos seres que se consideram no caminho ou que se sentem, real e concretamente, pelo aspecto consciência, puro *Satchidananda* no Si.

Quando vocês estão, realmente, no Si, o marcador indelével do si, como no absoluto, aliás, é essa ausência de perturbação do centro do centro ou do coração do coração ou do átomo embrião, vocês chamem como quiserem, que continua a ser manifestado, a irradiar, sem vontade alguma, sem desejo algum, sem qualquer desejo, quaisquer que sejam as circunstâncias da vida.

Então, eu insisto nisso porque, nesse momento, isso parece tomar proporções, talvez, mais intensas, eu diria, segundo as relações entre uns e outros.

Enquanto há uma reivindicação, qualquer que seja, não pode haver silêncio, não pode haver tranquilidade.

Então, é claro, as obrigações, quaisquer que sejam, de nossas vidas obrigam-nos a servir-nos do emocional, do mental, mas, como eu já tive a oportunidade de dizer, naquele momento, nem as emoções nem o mental, nem nosso histórico nem nossos sofrimentos físicos ou psicológicos podem fazer desviar ou alterar esse estado de ser.

Esse estado de ser instala-se brutal ou progressivamente, mas não se pode, jamais, ser enganado por ele.

E, nesse espaço no qual se penetra, para alguns, cada vez mais profundamente, cada vez mais intimamente, é claro que há essas manifestações da onda de vida, essas manifestações de fogo, em diferentes lugares do corpo.

É claro que há processos vibratórios, é claro que há presenças do lado esquerdo, como do lado direito, aliás, uma vez que, hoje, alguns véus foram retirados pelos que estão despertados à própria Natureza Essencial e real, esses contatos são perfeitamente possíveis.

Mas, como eu dizia ontem à noite a amigos, mesmo nesses momentos de contato com outras realidades há, verdadeiramente, uma extinção total, cada vez mais flagrante, de toda percepção consciente do que quer que seja.

Apenas permanece a Alegria, apenas a Paz, apenas o Amor, realmente, sem o querer, sem o desejo e, sobretudo, sem a procura.

Portanto, eu não posso esclarecer-lhes mais do que eu acabo de dizer, nós estamos, todos, em situações de vida, eu diria, comuns, banais, emocionantes ou não.

O importante não é isso, o importante é recuperar, na cabeça, essa frase que, para mim, hoje, toma um sentido, talvez, mais acurado desde algum tempo: «busque o Reino dos Céus e o resto ser-lhe-á dado em acréscimo».

É, também, essa frase que dizia Cristo: «será que o pássaro preocupa-se do que ele comerá amanhã?».

É imperativo preocupar-se com sua vida em seu comum, em seu desenrolar linear, mas de onde você vai extrair a força se você luta?

A única força que é respeitável, eterna, que não provoca qualquer resistência é o Amor e a Luz, e a tradução disso é uma Paz inabalável e, sobretudo, não falsificável.

É muito fácil exprimir-se por palavras, mas as palavras não serão, jamais, a vivência.

E todos os seres, quaisquer que sejam, que organizaram encontros, *satsangs* com a ótica da não dualidade, da *bakta védenta*, se vocês olham Bapaji, se olham Gangaji, se olham Bidi, Nisargadatta ou Mooji, hoje vocês verão que são sempre as mesmas palavras, é sempre a mesma atmosfera, se posso falar de atmosfera.

É nessa atmosfera que vocês podem reencontrar-se, inteira e integralmente.

E, se isso ainda não se produziu em você, mesmo se tenha a consciência, como você diz, de que esse mundo é uma ilusão, é uma cena de teatro, que você desempenha um papel, é o modo pelo qual você desempenhar esse papel que será determinante.

E o modo pelo qual você o desempenha depende, unicamente, da realidade, da verdade, da autenticidade do Si, do Absoluto, Disso, você chame como quiser.

Mas você não pode ser enganado ao nível de seu coração.

E eu não falo, por exemplo, de uma questão de discernimento, eu sei que muitas pessoas colocam-se a questão do coração em face de uma canalização, em face de um ser.

Você deve ser claro, hoje, eu penso, sinceramente, tudo isso.

Deixe a experiência desenrolar-se.

Deixe a vida desenrolar-se, porque você é, e todos nós somos, sem exceção, a Vida.

O que faz interferência, o que faz resistência, isso virá, sempre, do «eu».

Isso virá, sempre, de diferentes elementos que eu citei, ou seja, as emoções, o mental, a história, o histórico, a anamnese, as cicatrizes reais ao nível do «eu», mas que não têm mais qualquer peso no si e, ainda menos, eu diria, se é que se possa comparar a realidade.

É a única realidade que vivemos, nós ali estamos inseridos, nós não podemos lutar contra essa realidade, isso seria um erro magistral, seria reposicionar-se, recolocar-se a si mesmo na vontade do bem.

E, aí também, havia numerosas explicações dessa vontade de bem nos anos 2009, 2010, seja por Anael ou por Omraam Mickaël Aïvanhov.

A vontade de bem instaura algo que é muito louvável para um buscador espiritual.

Fazer o bem, buscar o bem resolve os problemas do ego.

Há um ano, aliás, nós assistimos a muito numerosos nascimentos de sites ou de pessoas que querem fazê-los trabalhar no ego para resolver um problema.

O ego não resolverá, absolutamente, o problema do ego.

O «eu» não pode resolver o «eu».

Apenas no apagamento do eu, nessa aceitação, nessa rendição sem condição à Vida é que a Verdade manifesta-se e concretiza-se, mesmo nesta ilusão.

Blog : Satsang do Coletivo do Um – Questão 1 (20-02-2014)

Tradução para o português : Célia G.

Blog : LEITURAS PARA OS FILHOS DA LUZ